

**O NOVO DESENVOLVIMENTISMO E A INTEGRAÇÃO COMERCIAL
INTERNACIONAL: UMA REVISÃO SOBRE OS CONCEITOS DE CENTRO E
PERIFERIA**

Ronaldo BALTAR¹

RESUMO: O objetivo do trabalho é discutir como a integração do comércio internacional redefine os conceitos de centro e periferia, base para as premissas do “novo desenvolvimentismo” que dão suporte à articulação entre os Planos Plurianuais e a Política Externa Brasileira. A pesquisa se baseia em um estudo de dados do comércio bilateral de 158 países em 1960 e 180 países em 2010, analisados através de um modelo de redes (Social Network Analysis).

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento. Comércio internacional. Centro e periferia.

A retomada da ideia de centro e periferia

O governo brasileiro lançou, em 2004, o *Plano Brasil: participação e inclusão*, um plano plurianual (PPA) projetado para vigorar de 2004 até 2007. O plano sustentava-se em várias premissas. Uma delas era a “dinâmica de crescimento por consumo de massa” (BRASIL, 2003, item IV). O governo pretendia, com aquele PPA, iniciar um ciclo de crescimento por meio da expansão do mercado consumidor, que seria sustentado pela incorporação de mais pessoas (famílias) no mercado formal de trabalho. Ao mesmo tempo, o Plano apoiaria a expansão das empresas modernas em diversos setores da cadeia de bens de consumo. Na sequência, foi lançado o PPA 2008-2011, “Inclusão social e a educação de qualidade”, que manteve a ideia de expansão do consumo de massa e acrescentou as prioridades de investimentos em infra-estrutura através do Plano de Aceleração do Crescimento - PAC. Os mesmos argumentos fundamentaram o PPA 2012-2015, intitulado de *Plano Mais Brasil* (BRASIL, 2011), apoiado nos resultados da ampliação do mercado consumidor interno devido, sobretudo, aos programas de transferência de renda e ao ingresso de mais pessoas no mercado trabalho entre 2002 e 2010.

Esta noção de “crescimento por consumo” que fundamenta os três últimos Planos Plurianuais no Brasil, embora não explicitamente, tem fundamentos nos conceitos elaborados pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) nos anos 50 e 60, que partem do diagnóstico sobre o limite do mercado interno como entrave estrutural a ser superado para fomentar o desenvolvimento no país (FURTADO, 1974a, p.232). No entanto,

¹ UEL - Universidade Estadual de Londrina. Departamento de Ciências Sociais. Londrina – PR - Brasil - 86.057-970 - baltar@uel.br

O novo desenvolvimentismo e a integração comercial internacional: Uma revisão sobre os conceitos de centro e periferia

há uma diferença importante: os Planos do Governo Brasileiro, a partir de 2004, mantêm o foco da estratégia política direcionado à expansão do comércio internacional, mais do que nas transformações da estrutura de propriedade da terra ou na formação da base industrial, como enfatizava o programa da CEPAL (BIELSCHOWSKY, 1996).

Na visão dos PPA's, o crescimento por consumo de massa seria a resultante de uma combinação entre ganhos de produtividade e ampliação do mercado interno. Os ganhos de produtividade decorreriam não apenas do mercado interno, mas seriam beneficiados pela expansão do mercado externo e da maior qualificação das empresas e dos trabalhadores no processo de competição internacional. A ideia de desenvolvimento centrada no consumo de massas está integrada ao processo de globalização.

Essa estratégia de desenvolvimento do governo brasileiro passou a ser identificada como o “Novo Desenvolvimentismo”. Trata-se de um conceito que cria vínculos e condicionantes explícitos entre as políticas internas (produção, emprego, renda, consumo) e a política externa do país (SICSÚ; PAULA; MICHEL, 2005). Deve-se ressaltar que a articulação efetiva entre a política nacional de desenvolvimento e a política externa é bem mais complexa do que aparece na junção de termos discursivos, uma vez que são formuladas por agências de Estado diferentes, orientadas por interesses específicos, que produzem efeitos distintos e, por vezes, conflitantes entre si. Também os elementos retóricos não são os mesmos entre os formuladores de políticas no âmbito das Relações Exteriores e dos Ministérios da área econômica e social, por exemplo. Mas o eixo comum está presente em ambos, marcado pela ênfase nas relações comerciais internacionais como instrumento de promoção do desenvolvimento pelo “consumo de massa”.

Pode-se ilustrar esta ênfase nos argumentos do Ministro Aloísio Mercadante, quando sintetiza o “Novo Desenvolvimentismo” como base do programa de governo do Presidente Lula:

O Novo Desenvolvimentismo consistiria na elevação do social à condição de eixo estruturante do crescimento econômico, por meio da ampliação do mercado de consumo de massa, com políticas de renda e inclusão social. Esse fortalecimento do consumo popular e do mercado interno seria capaz de gerar um novo dinamismo econômico, bem como escala e produtividade para a disputa do comércio globalizado, impulsionando as exportações e consolidando a trajetória de crescimento acelerado e sustentado. Essa foi a base do programa de governo apresentado por Lula, em 2002. (MERCADANTE, 2010, p.31).

O novo desenvolvimentismo e a integração comercial internacional: Uma revisão sobre os conceitos de centro e periferia

A ênfase na ampliação da presença do Brasil no cenário internacional aparece também, em outros termos, na síntese que o Ministro Celso Amorim faz dos dois mandatos de governo Lula:

O governo do presidente Lula contribuiu decisivamente para a elevação do perfil do Brasil nas relações internacionais. Isso foi feito por meio de uma política externa autônoma, solidária, universal, sem preconceitos e com forte compromisso multilateral. Contribuímos também para a aproximação entre os países em desenvolvimento, em iniciativas como as Cúpulas América do Sul-Países Árabes (ASPA) e América do Sul-África (ASA). Tivemos um papel muito importante no avanço da integração [...] latino-americana e caribenha. [...] O maior acerto foi apostar que o Brasil não poderia ter uma postura meramente reativa no mundo. [...] Foi o que fizemos capitaneando ou apoiando uma série de iniciativas transformadoras, como o G20 da OMC, o Fórum Índia-Brasil-África do Sul (IBAS), o BRIC ou a Unasul (AMORIM, 2010, p.21).

O governo da Presidenta Dilma Roussef tem mostrado diferenças de orientação em relação ao governo Lula. Mas estas mudanças, algumas já expressas tanto no PPA 2012-2015, quanto nas orientações iniciais de política externa do novo governo, têm demonstrado uma estratégia de ampliação ainda maior do peso das relações comerciais no âmbito internacional, deixando em segundo plano as articulações cujos efeitos políticos tinham um alcance mais imediato do que os resultados econômicos (CANUTO; REIS, 2012). A denúncia da guerra cambial, as negociações diretas com a China como uma das primeiras ações externas da Presidência da República, a busca de competitividade dos produtos brasileiros no exterior com a ênfase na capacitação tecnológica e na reforma da infra-estrutura do país, reforçam um vínculo mais estreito ainda entre o desenvolvimento e a política externa.

A retomada dos fundamentos do desenvolvimentismo como base argumentativa nos Planos Plurianuais, ao menos desde 2004, recoloca uma questão: a noção de “centro e periferia” - núcleo da Teoria do Desenvolvimento - é ainda um modelo explicativo válido para orientar estratégias brasileiras de política externa e de geração de emprego, renda e consumo?

A visualização do modelo na década de 60

Uma discussão sobre o alcance desta estratégia atual, que se fundamenta em parte na retomada do modelo desenvolvimentista para o Brasil, requer uma revisão de um dos pilares da teoria da CEPAL: a relação “Centro e Periferia”. Este tema já está presente no debate sobre

O novo desenvolvimentismo e a integração comercial internacional: Uma revisão sobre os conceitos de centro e periferia

desenvolvimento desde o fim da Segunda Guerra e, numa visão geral, argumenta que a forma como o país se inserir no sistema de comércio internacional delimitará o tipo de desenvolvimento e os seus limites possíveis.

Logo ao final da Segunda Guerra Mundial, Raúl Prebisch (1949) escreveu o artigo “O desenvolvimento econômico e seus principais problemas”, inicialmente divulgado em cópia mimeografada, que estabeleceria a base da visão cepalina sobre o subdesenvolvimento latino-americano. Neste artigo, publicado no Brasil pela Revista de Economia Política em 1949, Prebisch expõe sua análise do sistema político e econômico internacional a partir de um modelo estrutural dicotômico, baseado na relação comercial entre o centro e a periferia do sistema capitalista. A visão dual de Prebisch, aplicada ao Brasil pela interpretação de Celso Furtado (PEREIRA; REGO, 2001), trazia uma oposição teórica ao modelo neoclássico de compreensão do sistema econômico internacional, e também se posicionava criticamente em relação ao arranjo político internacional que seguiu à Conferência de Yalta.

Ao enfatizar a noção de “centro e periferia”, o pensamento cepalino procurava ressaltar que a hierarquia e a assimetria existentes nas relações internacionais estavam na base dos problemas do subdesenvolvimento da América Latina. A estrutura do sistema internacional não permitia a industrialização da América Latina. O papel dos países periféricos na economia mundial era garantir a produção de produtos primários para o centro. Esta visão de Prebisch continha uma crítica às concepções que orientavam as relações econômicas entre os países com base na teoria das vantagens comparativas e na divisão internacional do trabalho. O eixo principal da crítica de Prebisch (1949, p.47) recaía sobre a ideia de que “o fruto do progresso técnico tende a repartir-se igualmente em toda a coletividade” através do intercâmbio comercial.

Como resultado desta visão neoclássica, Agências Internacionais de fomento econômico, no período Pós-Segunda Guerra, postulavam que os países atrasados, incluindo toda a América Latina, não necessitavam se industrializar. Ao contrário, ao almejar a industrialização, estes países perderiam sua eficiência comparativa no comércio internacional em relação às nações mais desenvolvidas. O resultado seria o aumento da assimetria entre países ricos e pobres. A ideia de países modernos ou avançados em oposição a países arcaicos ou atrasados continha uma noção de continuidade temporal equivocada (ROSTOW, 1978), segundo a visão cepalina. Percorrer a distância no tempo, etapa por etapa, que separava os países atrasados dos países modernos poderia ser acelerada pelo comércio internacional, observando-se o potencial comparativo de cada país (ROSTOW, 1950).

O novo desenvolvimentismo e a integração comercial internacional: Uma revisão sobre os conceitos de centro e periferia

Prebisch, Furtado e a CEPAL se opuseram a esta visão. A noção estrutural das relações econômicas internacionais opunha os países em uma dicotomia hierarquizada. A relação centro e periferia era uma expressão da assimetria e não de um distanciamento temporal entre os países. Na base desta assimetria estava uma relação econômica observável quantitativamente: a deterioração dos termos de troca (PREBISCH, 1949). Por meio da observação da relação entre os termos de troca, Prebisch propôs que, através do comércio internacional, os países do centro, que exportavam produtos industrializados, absorviam na íntegra os resultados positivos do seu progresso técnico. Já os países da periferia, exportadores de matéria prima, repassavam para o centro os seus ganhos com aumentos de produtividade.

De acordo com Celso Furtado, uma das implicações decorrentes desta noção de Prebisch está em mostrar que “[...] o tipo de relações que existe entre o centro e a periferia estaria na base do fenômeno de concentração em escala mundial.” Para Furtado, a análise das relações econômicas internacionais, na década de 60, demonstrava que não havia “passagem automática” do atraso para o desenvolvimento. Segundo o autor, “a única tendência visível é para que os países subdesenvolvidos continuem a sê-lo.” (FURTADO, 1974b, p.143).

A observação da deterioração nas relações dos termos de troca, tal como proposto originalmente por Prebisch, é empiricamente difícil de ser demonstrado. Conforme estudo de Ocampo e Parra (2003) não há evidências de uma tendência secular de deterioração nos termos de troca, ao analisarem a variação do preço relativo de 24 commodities ao longo do século XX. Estas variações ocorrem por períodos e para produtos diferentes, não apresentando uma correlação estável ao longo de todo período. Embora, segundo os autores apontam, Prebisch não havia levantando a hipótese de que esta correlação fosse constante ao longo do tempo, afirma apenas que se tratava de uma correlação negativa.

Uma forma de abordar empiricamente esta correlação está em tomarmos as relações de troca como parâmetro para avaliar o grau de integração entre os países. Neste caso, tomando o volume de trocas e a diversificação de parceiros comerciais, e não a variação dos preços relativos, temos uma forma alternativa simplificada de mensurar a globalização como uma extensão do conceito de “centro e periferia” extraído da tese cepalina sobre o subdesenvolvimento e a relação dos termos de troca (FURTADO, 1974a, p. 232-234).

Assim, partindo dos dados da balança comercial entre os países pode-se propor uma forma inicial de visualização das mudanças nesta relação e no lugar que cada país ocupa em um “campo” de inter-relações comerciais.

O novo desenvolvimentismo e a integração comercial internacional: Uma revisão sobre os conceitos de centro e periferia

Este modelo visual, baseado nas relações comerciais bilaterais entre países, construído com uma metodologia de análise de redes sociais (*Social Network Analysis – SNA*), oferece a possibilidade de ilustrar e permitir uma análise empírica sobre os limites da política nacional de desenvolvimento centrada no mercado de consumo, a partir da integração comercial internacional.

Um trabalho pioneiro que faz esta aplicação de um modelo de redes sociais (SNA) para análise do comércio entre países é o de Gleditsch (2002), que aplicou o modelo para explicar a relação entre a expansão do comércio internacional e o aumento relativo do Produto Nacional Bruto dos países. A metodologia de análise de dados adotada aqui neste estudo se baseia, em grande parte, no modelo aplicado pelo autor em seu artigo. Mas, diferentemente do modelo original aplicado por Gleditsch, optou-se aqui por aplicar o algoritmo proposto por Fruchterman e Reingold (1991) para a formação do layout (disposição dos países no gráfico), conforme implementado por Bastian, Heymanns e Jacomy (2009). Este algoritmo representa visualmente melhor a ideia de centro e periferia (FURTADO, 1974b, p. 142) que se quer ilustrar.

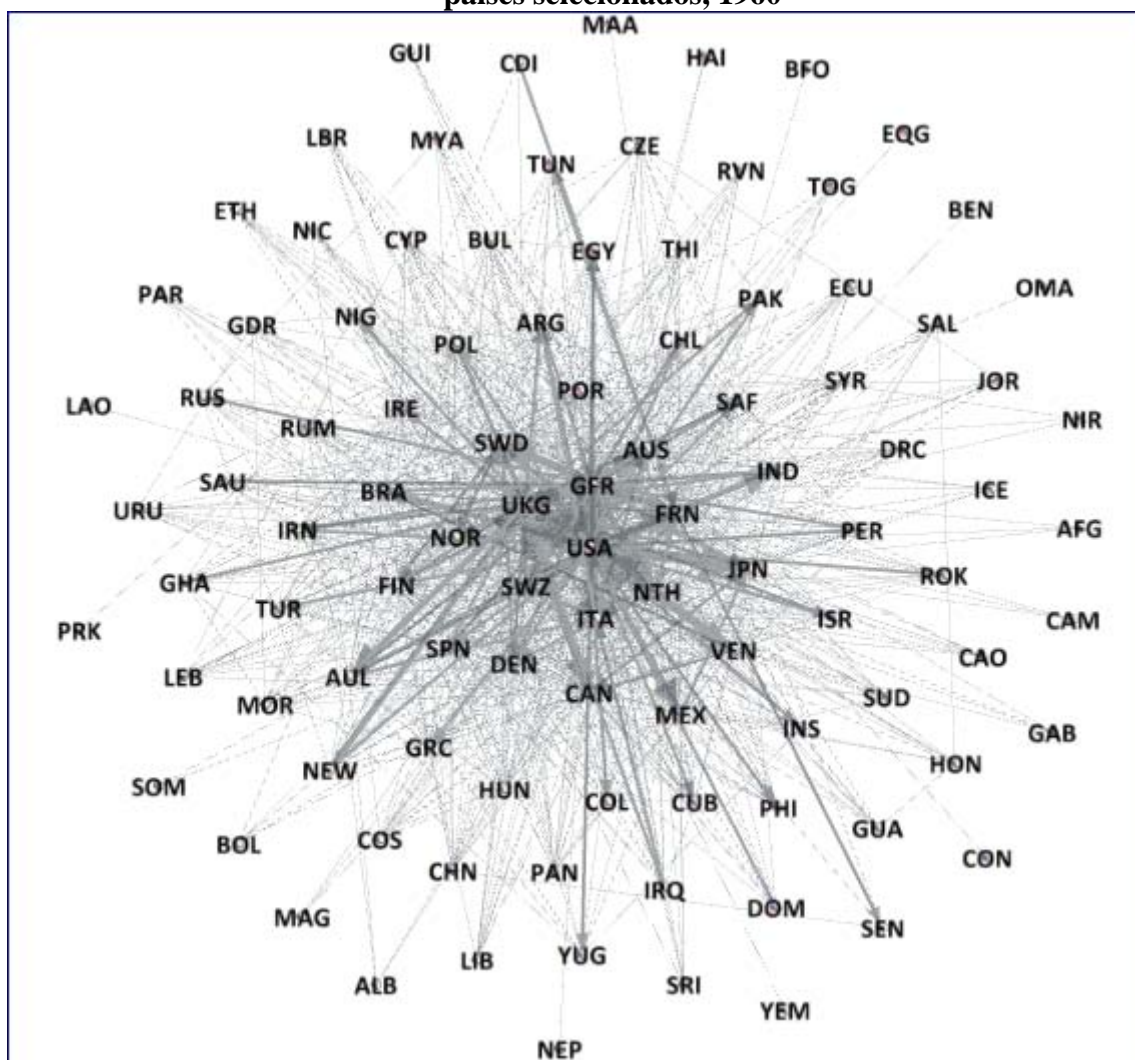
De maneira geral, este modelo representa uma analogia com centros de gravidade. Cada nó possui uma força de atração, que chamaremos aqui de **densidade de fluxo de comércio internacional**. Esta **densidade** é calculada pela relação entre o volume de comércio bilateral (importações e exportações) e o número de países com os quais um determinado país mantém relações comerciais. Quanto maior a **densidade**, mais o nó se move para o centro do gráfico. Assim, um país **A** estará mais ao centro do que um país **B** se a **densidade** medida pelo volume de comércio bilateral e o número de parceiros comerciais de **A** for maior do que a **densidade** de **B**. O cálculo de **densidade** leva em consideração também uma ponderação entre o volume transacionado e número de parceiros. Se o país **A** e o país **B** tiverem o mesmo valor de transações comerciais, mas o país **A** tiver mais parceiros do que o país **B**, o país **A** estará mais ao centro do que o país **B**.

Nos gráficos, as linhas indicam os parceiros comerciais e a espessura da linha representa o volume total de comércio bilateral (soma das importações mais exportações com todos os países). Nos gráficos em que um país é destacado da análise, a espessura da linha representa o volume de comércio de importação e exportação em separado. Nestes casos, a direção das setas indica se trata de exportação (do país marcado para o parceiro) ou importação (do parceiro para o país marcado). O tamanho da seta é proporcional ao volume do comércio, tal como a espessura da linha. Para efeito de composição visual do gráfico, para cada espessura de linha, aplicou-se um limite de proporcionalidade com cinco níveis de

O novo desenvolvimentismo e a integração comercial internacional: Uma revisão sobre os conceitos de centro e periferia

comparação (no gráfico, o país com maior volume representa cinco vezes o tamanho do país com menor volume). Os nomes dos países estão representados pelo código de três letras *United Nations Development Programme - UNDP country codes*. Os dados compõem uma matriz de comércio bilateral onde cada linha representa um país de origem e cada coluna um país parceiro. O valor que preenche cada célula da matriz é o valor FOB em US\$ do montante comercializado do total de importações e exportações entre cada país de origem e o país parceiro no ano selecionado. Os dados foram coletados do Fundo Monetário Internacional (DOT) e da Secex no Brasil.

Gráfico 1 - Densidade do fluxo de comércio bilateral (importações e exportações), 158 países selecionados, 1960



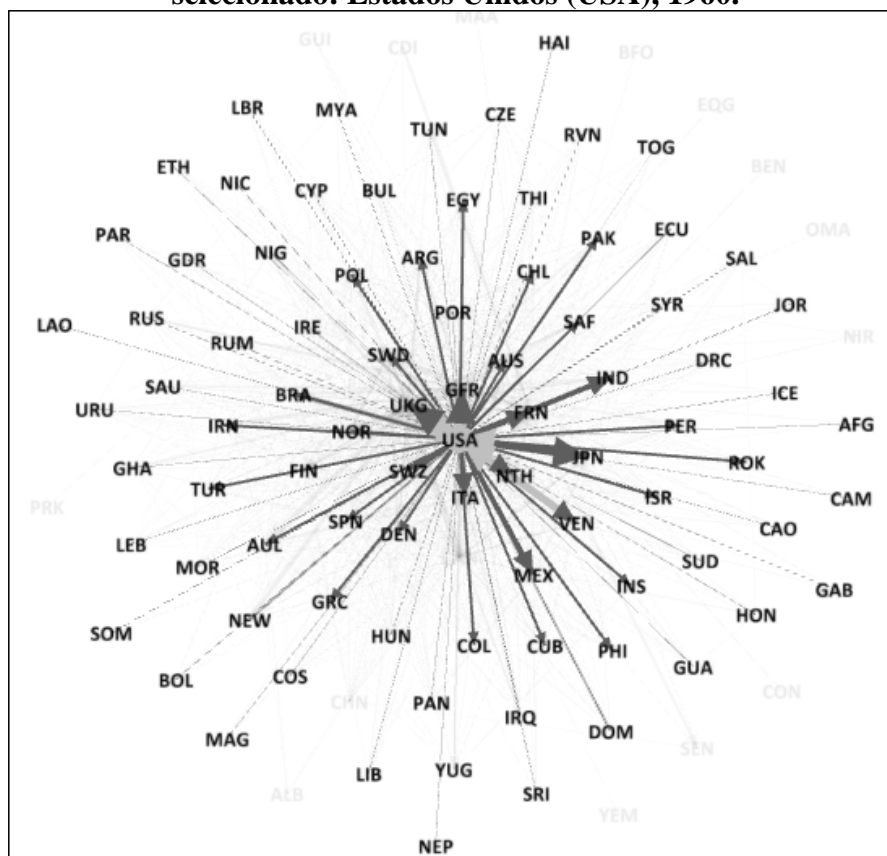
Fonte: Elaboração própria com dados do Anuário Estatístico do Brasil (BRASIL, 1966), Intercâmbio comercial: 1953/1976 (BRASIL, [2013b]). Dados internacionais extraídos de International Monetary Fund (IMF, 2011).

O novo desenvolvimentismo e a integração comercial internacional: Uma revisão sobre os conceitos de centro e periferia

O **Gráfico 1** representa a aplicação do modelo SNA para 158 países selecionados em 1960. Este gráfico permite representar a ideia de “centro e periferia” em termos de **densidade de fluxo de comércio bilateral**. Estados Unidos (USA) e Alemanha Ocidental (GFR) ocupam o centro do modelo². Na sequência estão Holanda (NTH), Reino Unido (UKG), França (FRN), Suécia (SWD) e Suíça (SWZ), países mais próximos ao centro gravitacional do comércio internacional.

O Brasil encontra-se em uma linha próxima, mas fora do núcleo central. Pode-se imaginar “anéis” ou “órbitas” de países em torno do centro, que formam não uma, mas várias “periferias” ou níveis diferentes de inserção na economia internacional.

Gráfico 2 - Densidade do fluxo de comércio bilateral (importações e exportações), país selecionado: Estados Unidos (USA), 1960.



Fonte: Elaboração própria com dados do Anuário Estatístico do Brasil (BRASIL, 1966), Intercâmbio comercial: 1953/1976 (BRASIL, [2013b]). Dados internacionais extraídos de Internacional Monetary Fund (IMF, 2011).

Esta imagem fica mais ressaltada se destacarmos a posição dos Estados Unidos na matriz de densidade do fluxo de comércio bilateral, conforme o **Gráfico 2**. Alguns autores

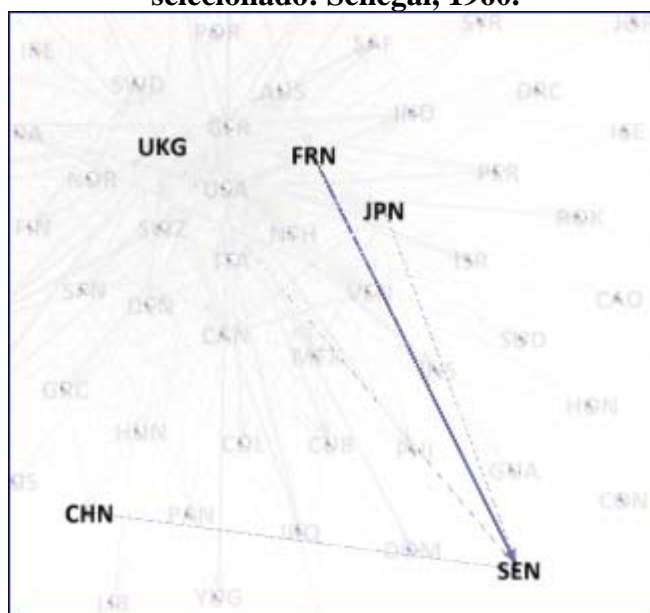
²O posicionamento de cada país no gráfico pode ser expresso por várias medidas de centralidade. Tomamos a medida de “auto valores” ou “valores característicos” da matriz (*eigenvalue*) como medida de centralidade.

O novo desenvolvimentismo e a integração comercial internacional: Uma revisão sobre os conceitos de centro e periferia

nos anos 60, com os dados e informações disponíveis à época, deram uma interpretação rígida a este quadro e passaram a postular que a relação entre o centro dinâmico capitalista e a periferia do sistema era um dos entraves estruturais à ruptura com a situação de subdesenvolvimento, sobretudo na América Latina.

O sistema internacional foi visto como uma estrutura de poder centralizada, irradiado a partir do centro para a periferia. Neste sistema, a expansão das relações comerciais internacionais reforçaria a condição de subdesenvolvimento. Os autores que postularam esta proposta, no âmbito da teoria da dependência, foram aqueles mais identificados com os autores marxistas norte-americanos, como Paul Baran e Paul Sweezy. Para estes autores, a inserção ao sistema econômico internacional era mais do que um obstáculo ao desenvolvimento, pois se constituía na própria essência do subdesenvolvimento. No Brasil, esta visão foi defendida, entre outros, por Caio Prado Jr., Teotônio dos Santos, Ruy Mauro Maurini, e estava fundada na explicação de que as relações políticas e econômicas entre os países centrais e os países da periferia do sistema se explicavam pela noção de “imperialismo” (BALTAR, 2000).

Gráfico 3 - Densidade do fluxo de comércio bilateral (importações e exportações), país selecionado: Senegal, 1960.



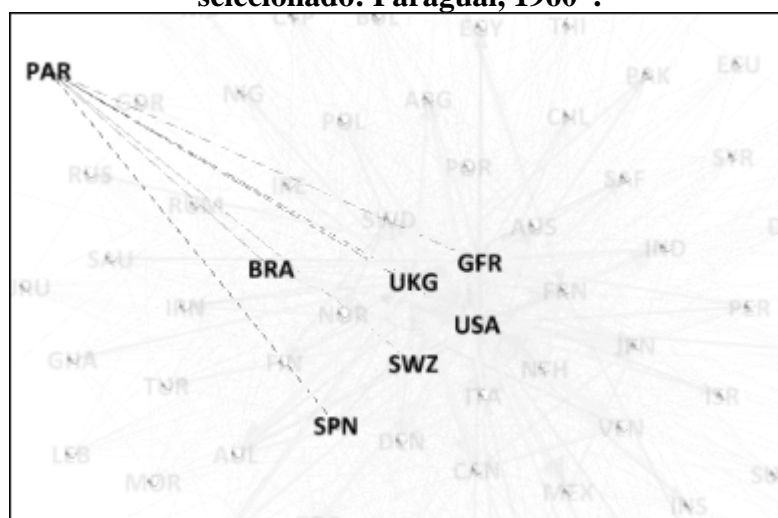
Fonte: Elaboração própria com base nos dados internacionais extraídos de International Monetary Fund (IMF, 2011).

Ao destacarmos no modelo, por exemplo, dois países que compunham a periferia do sistema, o contraste com a posição central dos Estados Unidos (**Gráfico 2**) permite recriar uma visualização do contraste que reforçava o imaginário que sustentava a argumentação em

O novo desenvolvimentismo e a integração comercial internacional: Uma revisão sobre os conceitos de centro e periferia

favor do imperialismo. O Senegal (SEN), no **Gráfico 3**, país que havia se tornado independente da França (FRN) em 1958, mostrava-se, em 1960, como importador de produtos franceses e com ténue relação comercial com o Japão (JPN), a China (CHN) e o Reino Unido (UKG). O Paraguai (PAR), **Gráfico 4**, apresentava relações comerciais sem grande vulto com o Brasil (BRA), Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha Ocidental e Espanha (SPA).

Gráfico 4 - Densidade do fluxo de comércio bilateral (importações e exportações), país selecionado: Paraguai, 1960*.

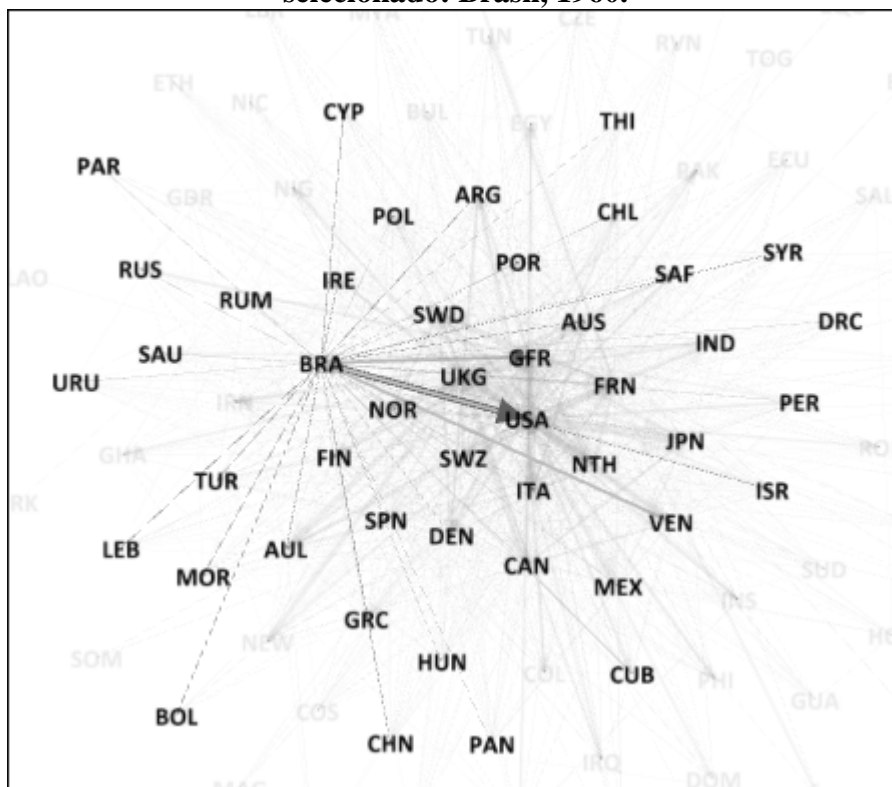


*Sigla de Países – Código UNDP: UKG (Reino Unido), BRA (Brasil), GFR (Alemanha Ocidental), SPN (Espanha), SWZ (Suíça), USA (Estados Unidos).

Fonte: Elaboração própria com base nos dados internacionais extraídos de Internacional Monetary Fund (IMF, 2011).

A interpretação da relação “centro e periferia” como reprodução de formas de dominação imperialistas era insuficiente para explicar a dinâmica do sistema e o processo de desenvolvimento e foi objeto de discussão por vários autores no período, como Celso Furtado, Anibal Pinto, Raúl Prebisch, André Gunder Frank, Gunnar Myrdal e Fernando Henrique Cardoso (VERNENGO, 2004). Estes autores criticaram a superficialidade da abordagem marxista. A proposta dos desenvolvimentistas estruturalistas (ou não marxistas) não é apenas apontar a imposição política do centro sobre a periferia, mas discutir as diferentes possibilidades de desenvolvimento que se apresentavam nos anos 60 para os países da periferia através da integração ao mercado internacional.

Gráfico 6 - Densidade do fluxo de comércio bilateral (importações e exportações), país selecionado: Brasil, 1960.



Fonte: Elaboração própria com dados do Anuário Estatístico do Brasil (BRASIL, 1966), Intercâmbio comercial: 1953/1976 (BRASIL, [2013b]). Dados internacionais extraídos de Internacional Monetary Fund (IMF, 2011).

O pós-guerra estava mostrando aos países diferentes formas de associação entre capitais industriais, financeiros e serviços o que levantava questões para estes autores sobre as formas e as alternativas que existiam para o desenvolvimento econômico dos países da periferia, ainda que permanecessem formas de dependência.

O mundo globalizado

Passadas duas décadas, as mudanças no panorama político internacional, o fim da guerra fria, a desregulamentação dos mercados de investimentos, a globalização e a crise econômica da América Latina marcada pela crise da dívida e pela hiper-inflação, reorientaram o foco do debate. Nos anos 80 e 90, os debates sobre a globalização e as formas de ajuste estrutural se sobrepuseram à discussão sobre desenvolvimento. A ideia de “centro e periferia” ganhou sofisticação com o “sistema mundo” de Wallerstein (1994), que acrescentou uma hierarquia entre semi-periferias e periferias.

O novo desenvolvimentismo e a integração comercial internacional: Uma revisão sobre os conceitos de centro e periferia

Um ponto do debate anterior permaneceu: a inserção no comércio internacional era o caminho ou obstáculo para o desenvolvimento, agora descrito como “sócio-econômico”?

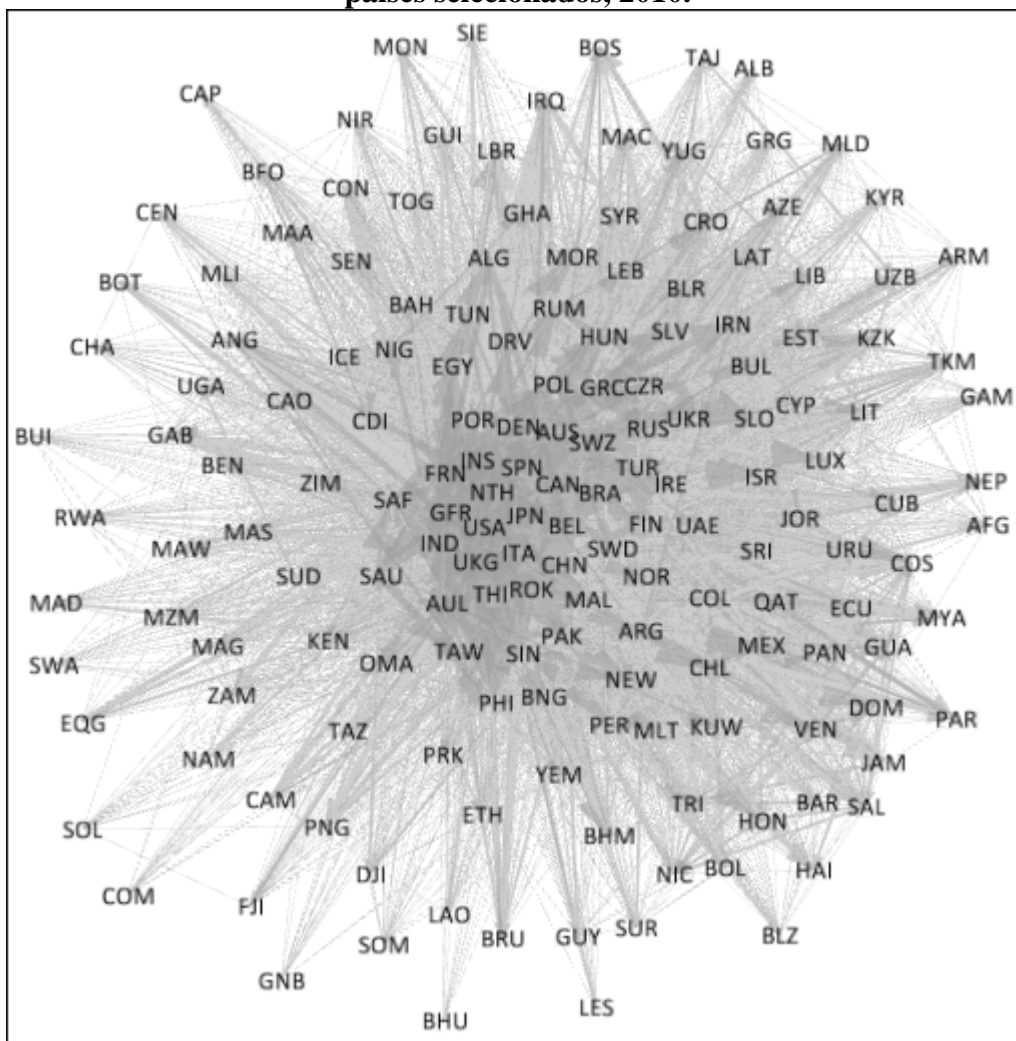
Autores como Touraine (1994), Arrighi (1996), Beck (1998), Dupas (1998; 2008), procuraram mostrar o caráter excludente da globalização e o impacto sobre a pobreza no mundo que a ampliação do mercado mundial causou.

Outros como Lipietz (1991), Chesnais (1995; 1996), Ianni (1996), Petrella (1996), Petras (1999), Gentili (1999), retomaram o argumento marxista para denunciar que a globalização se tratava apenas de uma nova roupagem do “imperialismo”, que aparecia em versão “global”, “financeirizada” e “neoliberal”.

De modo geral, para além das diferenças de interpretação e de formalização conceitual, este conjunto de autores apontava o fato de que os países, no fim dos anos 90, não eram tão mais abertos para o sistema internacional do que haviam sido no início do século XX, antes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Hirst e Thompson (1998) mostraram que embora a abertura econômica gerasse mais riqueza para o sistema comercial e produtivo de alguns países, resultava também em uma piora da qualidade de vida e maior exploração do trabalho em vários outros. Estas proposições foram, de maneira geral, confirmadas pelos dados do Banco Mundial sobre a relação entre o volume de investimentos e transações internacionais e o aumento da pobreza mundial acima do esperado no mesmo período (Banco Mundial, 2003, p. 68-69). No Brasil, este debate foi pano de fundo para as disputas entre o programa do Presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), chamado de maneira geral de “Reforma orientada para o mercado” e o do Presidente Lula (PT), que resultou na formulação do “Novo Desenvolvimentismo”.

Ao final da primeira década do século XXI, a globalização havia mostrado que as relações comerciais se intensificaram em todo globo, como se pode observar no **Gráfico 7**, que apresenta a densidade de fluxo comercial bilateral em 2010.

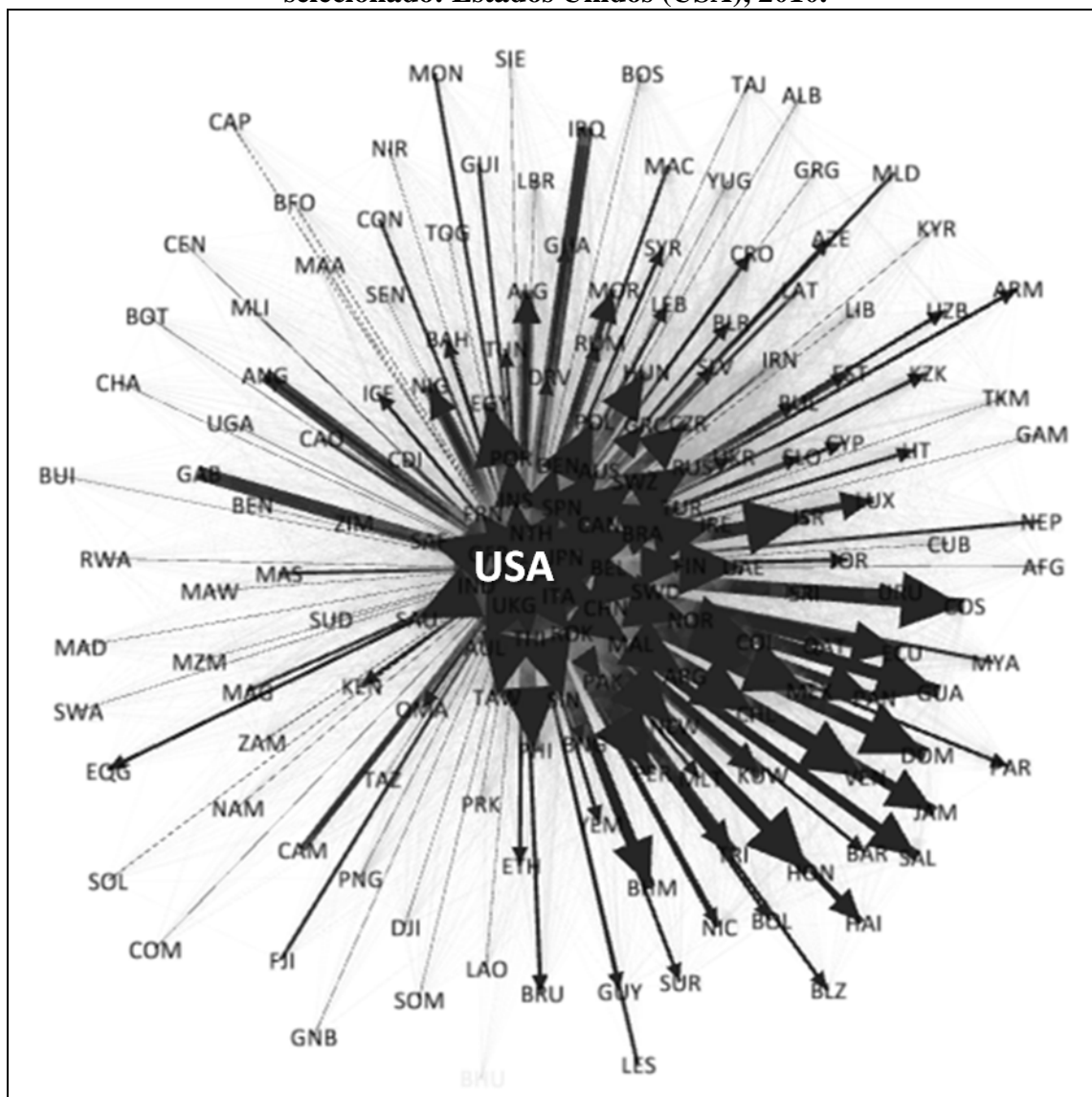
Gráfico 7 - Densidade do fluxo de comércio bilateral (importações e exportações), 180 países selecionados, 2010.



Fonte: Elaboração própria com dados brutos (BRASIL, 2013, [2013a]). Dados internacionais extraídos de Internacional Monetary Fund (IMF, 2011).

Em comparação com o ano de 1960 (**Gráfico 1**) algumas características podem ser apontadas em 2010 (**Gráfico 7**). Em primeiro lugar, o fluxo do comércio internacional, embora ainda com maior peso nas economias dos países membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), demonstra maior densidade de fluxo comercial entre vários países. Em segundo lugar, houve um aumento do núcleo do sistema, ou o estreitamento da distância entre os círculos mais próximos do centro, o que, por um lado, afetou o desempenho competitivo das empresas no mercado internacional, pressionando salários e condições trabalho e, por outro, apresentou maiores fluxos de investimentos para países antes considerados fora do eixo central.

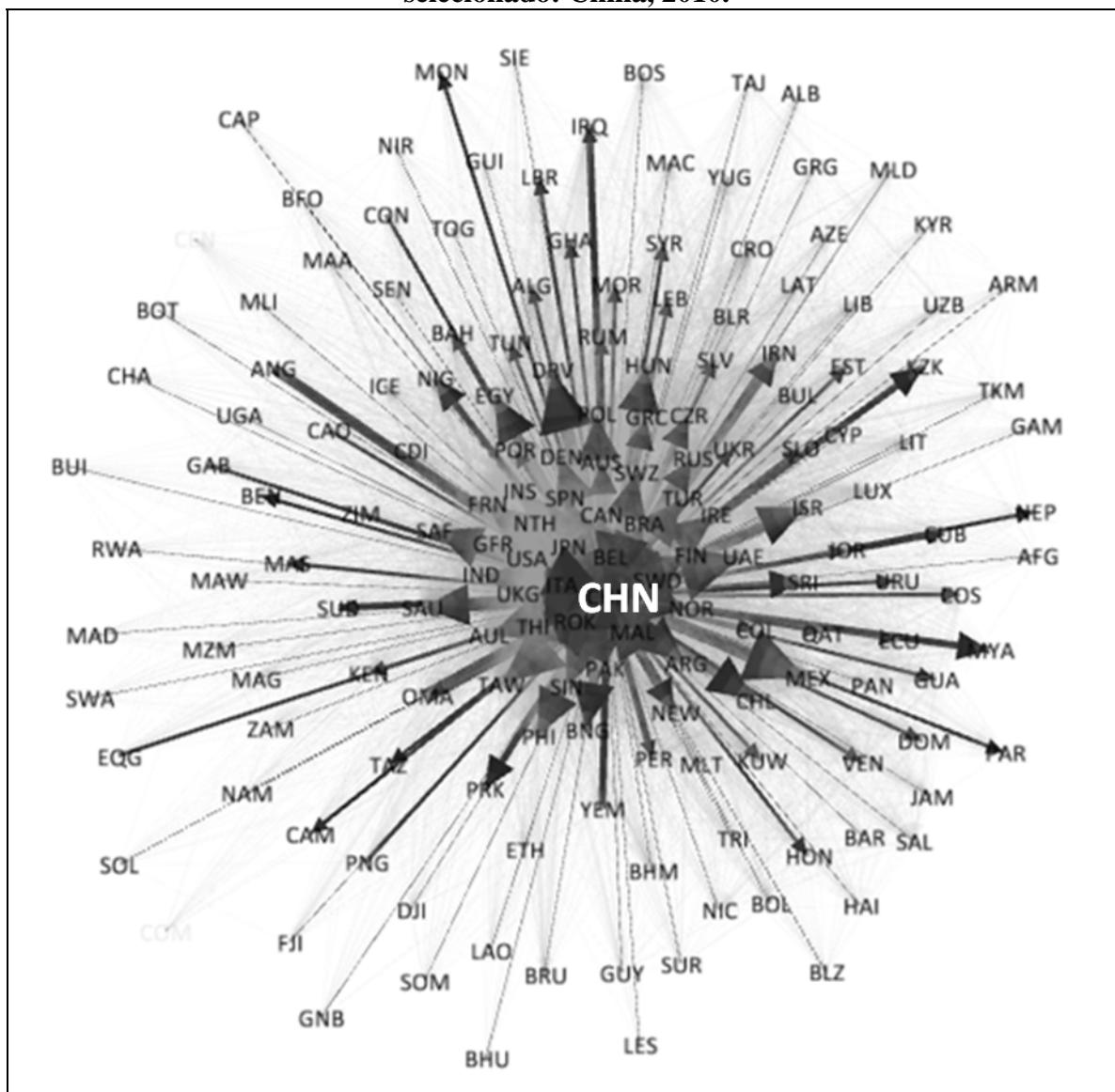
Gráfico 8 - Densidade do fluxo de comércio bilateral (importações e exportações), país selecionado: Estados Unidos (USA), 2010.



Fonte: Elaboração própria com dados brutos (BRASIL, 2013, [2013a]). Dados internacionais extraídos de International Monetary Fund (IMF, 2011).

Conforme pode-se observar no **Gráfico 8**, o peso dos Estados Unidos continua evidente no sistema comercial internacional, mesmo com as crises de 2007 e 2008. Mas em comparação com 1960, o núcleo do sistema foi bastante ampliado, com a participação de 38 países, como o Brasil, China entre outros. Em 1960, pelo critério adotado no modelo, o centro seria composto por 8 países. Este modelo é apenas indicativo, dependendo do critério adotado pode-se incluir mais ou menos países. O que importa ressaltar é que houve um aumento significativo da intensidade do comércio com uma redução nas distâncias entre o que era considerado centro e periferia nos anos 60.

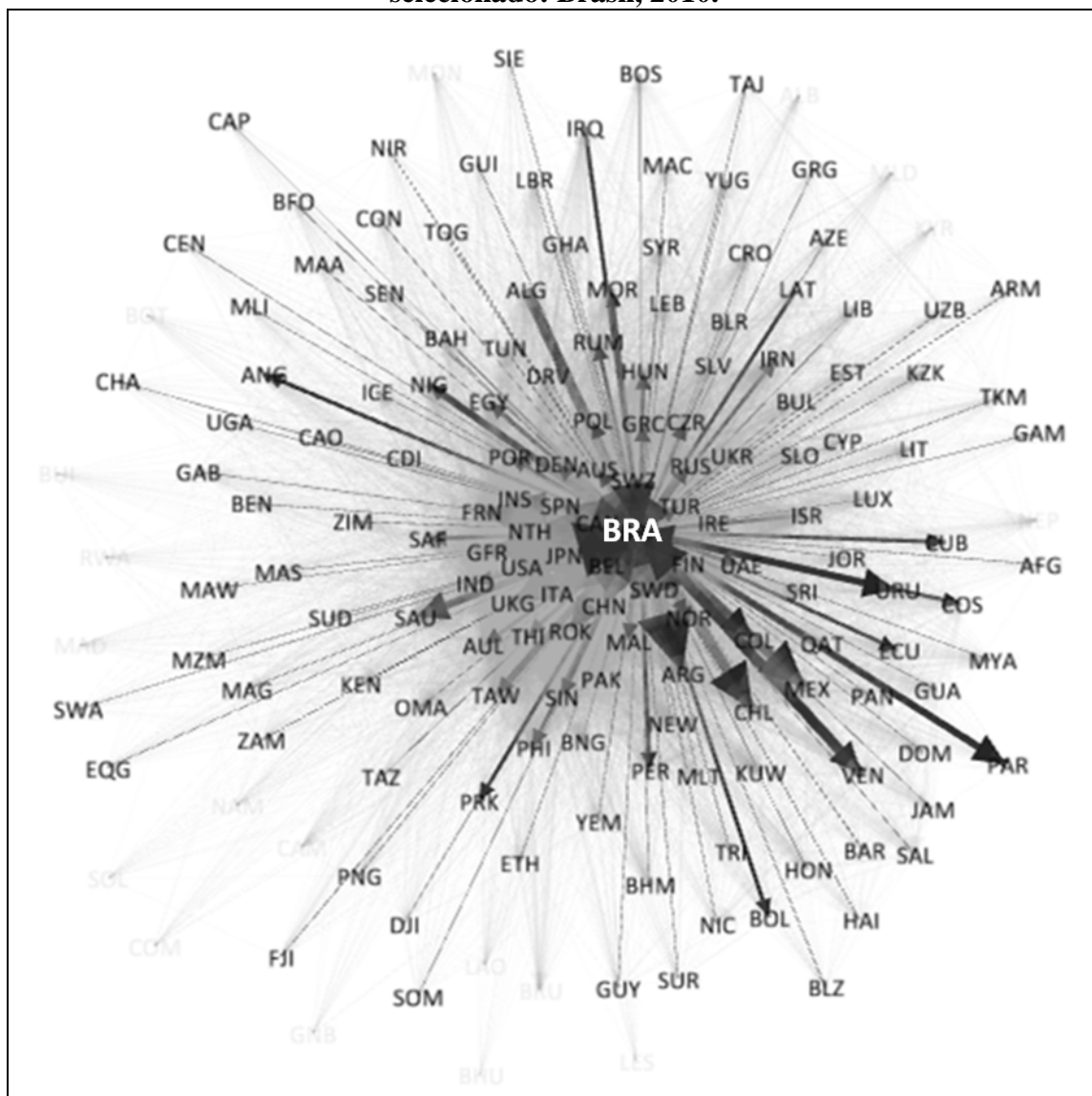
Gráfico 9 - Densidade do fluxo de comércio bilateral (importações e exportações), país selecionado: China, 2010.



Fonte: Elaboração própria com dados brutos (BRASIL, 2013, [2013a]). Dados internacionais extraídos de International Monetary Fund (IMF, 2011).

A China (Gráfico 9) e o Brasil (Gráfico 10) são dois exemplos da redistribuição do peso que os países assumiram no sistema de comércio internacional. No caso brasileiro, fica claro a importância da estratégia de fortalecimento das relações comerciais no âmbito do Mercosul e das parcerias Sul-Sul, com impacto na diversidade e o peso dos fluxos comerciais do país.

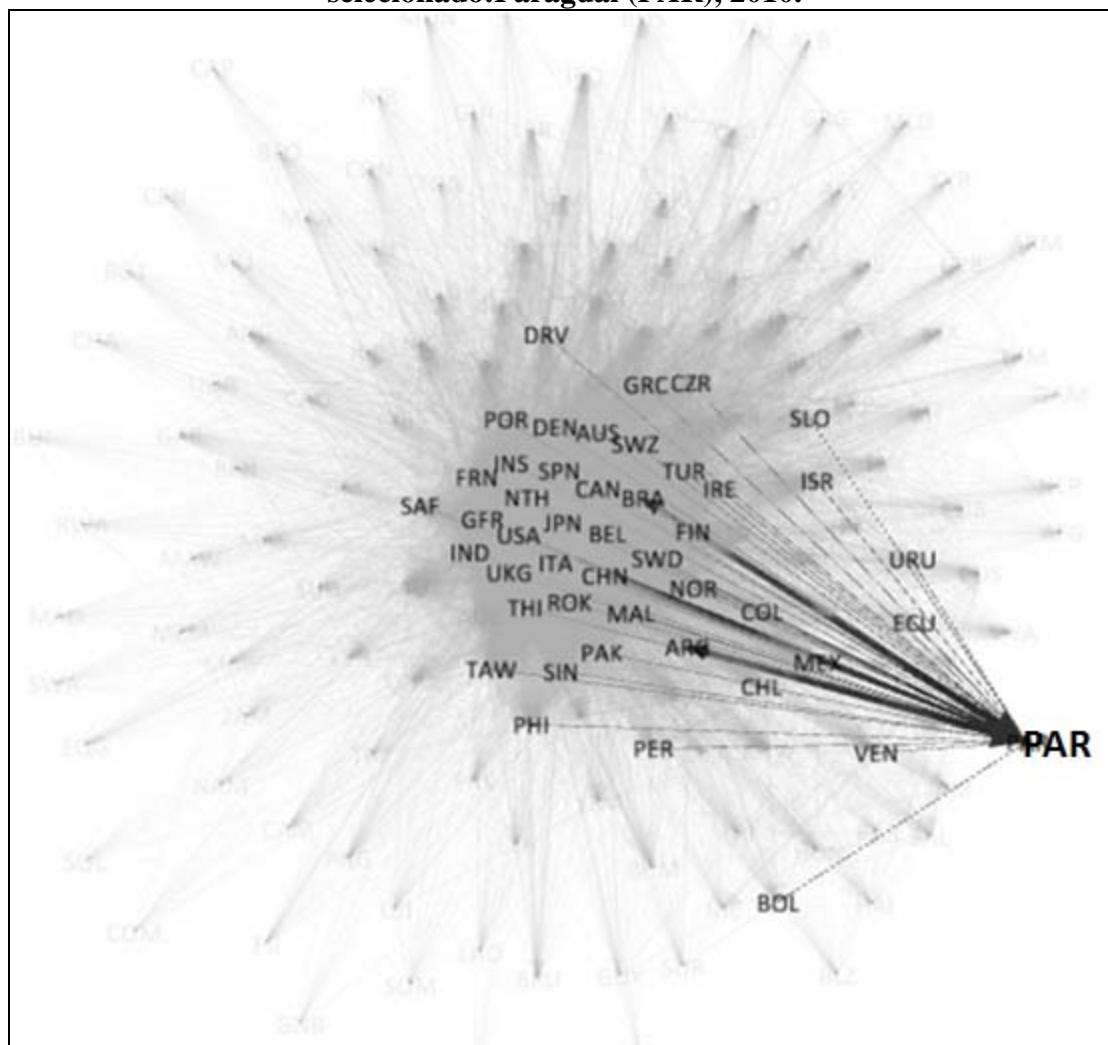
Gráfico 10 - Densidade do fluxo de comércio bilateral (importações e exportações), país selecionado: Brasil, 2010.



Fonte: Elaboração própria com dados brutos (BRASIL, 2013, [2013a]). Dados internacionais extraídos de International Monetary Fund (IMF, 2011).

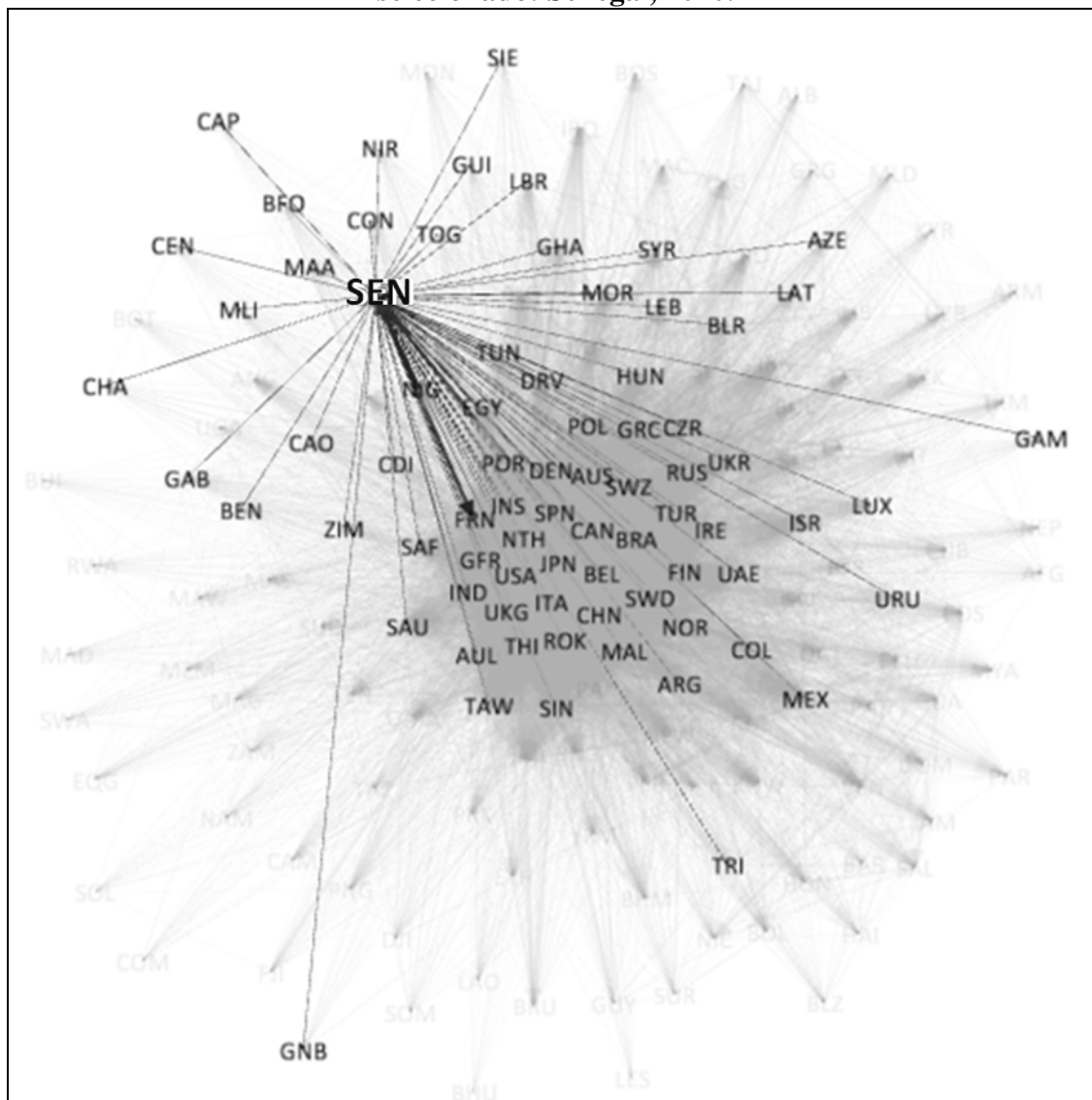
O mesmo pode-se observar em relação aos países tomados como exemplo de periferia do sistema econômico internacional. Paraguai (Gráfico 11) e Senegal (Gráfico 12), em 2010, tinham também uma situação bem diferente de 1960. Paraguai como destino de importação de vários países do centro do sistema internacional, e um grande fluxo exportador para o Brasil e a Argentina. O Senegal passou a ter relações comerciais com vários países africanos e o principal fluxo do país, o comércio com a França, foi invertido, passando de importador para exportador para o país europeu.

Gráfico 11 - Densidade do fluxo de comércio bilateral (importações e exportações), país selecionado: Paraguai (PAR), 2010.



Fonte: Elaboração própria com dados brutos (BRASIL, 2013, [2013a]). Dados internacionais extraídos de International Monetary Fund (IMF, 2011).

Gráfico 12 - Densidade do fluxo de comércio bilateral (importações e exportações), país selecionado: Senegal, 2010.



Fonte de dados: Elaboração própria com base nos dados internacionais extraídos de Internacional Monetary Fund (IMF, 2011).

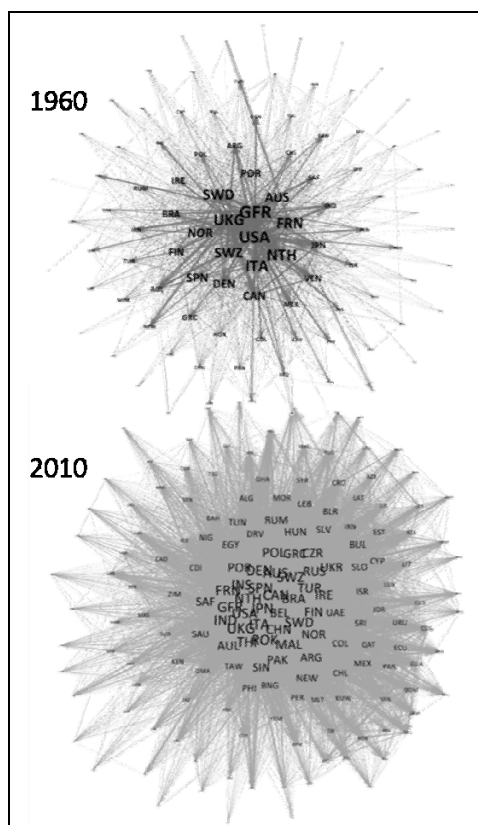
A ampliação do núcleo do sistema e a intensificação do comércio internacional permitem possibilidades de crescimento econômico e ganhos de produtividade para empresas e países, mas também reforçam a assimetria clara entre direitos, condições de trabalho e concentração de renda entre as várias regiões do globo. A globalização não tem o mesmo impacto social para todos os países, embora todos tenham maiores ganhos econômicos.

Considerações finais

O novo desenvolvimentismo e a integração comercial internacional: Uma revisão sobre os conceitos de centro e periferia

Com base no que foi exposto ao longo deste trabalho, chegamos a um desdobramento conceitual da noção “centro-periferia”, proporcionado pela reflexão intelectual desenvolvida aqui. Para tanto, retomaremos a representação da densidade de fluxo comercial entre os países, em dois momentos distintos, conforme exposto na Figura 1:

Figura 1 - Densidade do fluxo de comércio bilateral, países selecionados, 1960 e 2010.



Fonte: Elaboração própria com dados brutos (BRASIL, 2013, [2013b]). Dados internacionais extraídos de International Monetary Fund (IMF, 2011).

O que se observa quando comparamos os anos de 1960 e de 2010, é uma evidente mudança no padrão de relacionamento comercial entre os países ao longo dos últimos 50 anos. Subjacente a esta mudança de padrão de relacionamento entre países, também estaria em curso uma mudança nas estratégias de políticas internas e externas de desenvolvimento.

Se nos anos 60, a configuração assumida pelas relações comerciais entre os países permitiu uma explicação conceitual através da noção de “centro e periferia” – núcleo da Teoria do Desenvolvimento –, atualmente, esse instrumental teórico mostra-se insuficiente para explicar toda a complexidade presente nas relações comerciais entre os países.

Diante disso, destaca-se que a capacidade de análise conceitual deve acompanhar as mudanças. Mais importante do que permanecer em sistemas conceituais de classificação que

O novo desenvolvimentismo e a integração comercial internacional: Uma revisão sobre os conceitos de centro e periferia

são, de certa forma, historicamente datados, deve-se buscar construir um instrumental conceitual e analítico a partir da observação e do monitoramento das mudanças nas assimetrias persistentes nas relações internacionais.

Assim, a noção de “centro e periferia” foi importante para explicar as assimetrias nas relações internacionais, nos anos 60, principalmente no que diz respeito ao papel desempenhado pelos países subdesenvolvidos, com destaque para América Latina e o Brasil. Porém, se ela não desapareceu por completo diante da realidade do século XXI, ela perdeu parte do seu poder explicativo. Mais do que uma dinâmica de “centro-periferia”, as relações entre países, na atualidade, estaria assumindo mais uma forma de “rede de preferências”, cujo conteúdo econômico, político, ideológico e social deriva do conceito cepalino – porém, trata-se de uma nova dimensão conceitual para explicar a complexidade das relações políticas e comerciais atuais.

Com isso, destaca-se que a noção “centro e periferia” não se mostra suficiente como um modelo explicativo para orientar estratégias brasileiras de política externa e de geração de emprego, renda e consumo. Classificar as assimetrias requer a mensuração e análise das “redes de preferência” que afetam as mudanças nas relações internacionais e, a partir delas, propor subsídios concretos para a formulação de políticas voltadas para o encurtamento das disparidades, tanto internas quanto entre os países.

No caso do Brasil, observa-se um movimento dinâmico na participação dos parceiros comerciais do país ao longo da primeira metade do século XX. Além da Europa e dos Estados Unidos, a “rede de preferências” do Brasil ampliou-se para a inclusão mais estratégica da América Latina, da Ásia, do Oriente Médio e da África.

Já no início do século XXI, o que se observa é uma maior complexidade nas relações comerciais do Brasil, contribuindo para a configuração de um cenário político mais complexo para o país formular políticas externas ao final da primeira década do século XXI. O peso do país e a mudança no sistema internacional apontam para uma inserção política mais diversificada, com aumento do peso relativo dos setores econômicos de maior capacidade tecnológica, como máquinas e equipamentos, produtos metalúrgicos e outros setores da indústria de transformação. Este dado é importante para se pensar a formação de um mercado consumidor interno em relação à necessária expansão das exportações de produtos industrializados e dos serviços, tal como proposto no PPA 2011-2015, fundamentado no “Novo Desenvolvimentismo”.

As lições do debate ao longo destas últimas cinco décadas mostram que a inserção no sistema internacional pode tanto impulsionar a melhoria das condições de vida no país, quanto

O novo desenvolvimentismo e a integração comercial internacional: Uma revisão sobre os conceitos de centro e periferia

transformar-se em problema estrutural para o desenvolvimento. Exemplos estão entre os países que tiveram os casos de aumento da exploração e precarização do trabalho exatamente ao se aproximarem do núcleo central do sistema tal como: as **maquiladoras** no México e em outros países da América Central; e as **oficinas** do Vietnã, Indonésia, Paquistão.

A mudança nos relacionamentos comerciais, ilustrada pela Figura 1, aponta que a concretização deste projeto brasileiro de desenvolvimento com garantia de renda deve estar além da retórica. A estratégia de integrar a capacidade de desenvolvimento à maior inserção no sistema mundial exige articulação entre política externa, política de desenvolvimento, política de renda e proteção ao emprego, levando-se em conta as novas “redes de preferência” formatadas ao longo das duas últimas décadas.

THE NEW ENVIRONMENTALISM AND INTERNATIONAL COMERCIAL INTEGRATION: A REVIEW ABOUT CORE AND PERIPHERY CONCEPTS

ABSTRACT: *After 2004, Brazilian government has adopted some principle of development theory to support the National Plans of Economic Growth combined with a Foreign Policy focused on the expansion of Brazil's commercial and political presence. The objective of this article is to discuss how the integration of international trade redefines the concepts of core and periphery, basis for the “new development theory”. The research is based on a study of bilateral trade data for 158 countries in 1960 and 180 countries in 2010, analyzed using a model of Social Network Analysis (SNA).*

KEYWORDS: *Development. International trade. Core and periphery.*

REFERÊNCIAS

AMORIM, C. **Política externa é uma política pública como as demais:** está sujeita à expressão das urnas. Entrevistadores: Douglas Portari e João Cláudio Garcia. Revista Desafios do Desenvolvimento, Brasília, ano 7, n. 61, p.10-21, 2010. Disponível em: <http://desafios.ipea.gov.br/images/stories/PDFs/desafios061_completa.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2013.

ARRIGHI, G. **O longo século XX.** São Paulo: Ed. da UNESP, 1996.

BALTAR, R. **O ponto morto.** Londrina: Ed. da UEL, 2000.

BASTIAN, M.; HEYMANN, S.; JACOMY, M. Gephi: an open source software for exploring and manipulating networks. **International AAAI Conference on Weblogs and Social Media**, United States, 2009. p.361-362. Disponível em: <<http://www.aaai.org/ocs/index.php/ICWSM/09/paper/view/154/1009>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

O novo desenvolvimentismo e a integração comercial internacional: Uma revisão sobre os conceitos de centro e periferia

BECK, U. **¿Que es la globalización?** falacias del globalismo, respuestas a la globalización. España: Paidós, 1998.

BIELSCHOWSKY, R. **Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio. Secretaria de Comércio Exterior. **AliceWeb2.** Brasília, out. 2013. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 07 dez. 2013.

_____. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio. Secretaria de Comércio Exterior. **200 anos de comércio exterior brasileiro: 1808-2008.** Brasília, [2013a]. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=2041&refr=608>>. Acesso em: 07 dez. 2013.

_____. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio. Secretaria de Comércio Exterior. **Intercâmbio comercial brasileiro, por países: 1953 a 1976.** Brasília, [2013b]. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=608&refr=1955>> Acesso em: 07 dez. 2013.

_____. Ministério do Planejamento. **Plano Mais Brasil: mais desenvolvimento, mais igualdade, mais participação: 2012-2015.** Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.planejamento.gov.br/secretarias/upload/Arquivos/spi/PPA/2012/mensagem_presidencial_ppa.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2013.

_____. Ministério do Planejamento. **Plano Brasil: participação e inclusão: 2004-2007.** Brasília, 2003. Disponível em: <[http://www.sigplan.gov.br/arquivos/portallppa/15_\(PlanoBrasildeTodos\).pdf](http://www.sigplan.gov.br/arquivos/portallppa/15_(PlanoBrasildeTodos).pdf)>. Acesso em: 07 dez. 2013.

CANUTO, O.; REIS, J. G. Comércio global e crescimento: perspectivas e desafios para as economias em desenvolvimento. **International Centre for Trade and Sustainable Development**, [S.l.], v.8, n.1, fev. 2012. Disponível em: <<http://ictsd.org/i/news/pontes/124285/>>. Acesso em: abr. 2012.

CARDOSO, F. H.; FALETTO, E. **Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital.** São Paulo: Xamã, 1996.

_____. A globalização e o curso do capitalismo de fim de século. **Economia e Sociedade**, Campinas, n.5, p.1-30, dez. 1995.

DUPAS, G. Pobreza, desigualdade e trabalho no capitalismo global. **Nueva Sociedad**, Caracas, n.215, p.01-15, maio/jun. 2008. Disponível em <http://www.nuso.org/upload/articulos/3522_2.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2013.

O novo desenvolvimentismo e a integração comercial internacional: Uma revisão sobre os conceitos de centro e periferia

_____. A lógica da economia global e a exclusão social. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.12, n.34, dez.1998 . Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141998000300019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 fev. 2009.

FRUCHTERMAN, T. M. J.; REINGOLD, E. M. Graph drawing by force-directed placement. **Software: Practice and Experience**, [S.l.], v.21, n.11, p.1129-1164, nov. 1991. Disponível em:
<<http://citeseer.ist.psu.edu/viewdoc/download;jsessionid=19A8857540E8C9C26397650BBA CD5311?doi=10.1.1.13.8444&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 12 maio 2011.

FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974a.

_____. **Teoria e política do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Nacional, 1974b.

GENTILI, P. **Globalização excludente**: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial. Petrópolis: Vozes, 1999.

GLEDITSCH, K. S. Expanded trade and GDP data. **Journal of Conflict Resolution**, [S.l.], v.46, p.712-24, 2002. Disponível em:<<http://weber.ucsd.edu/~kgledits/exptradegdp.html>>. Acesso em: 21 jul. 2011.

HIRST, P.; THOMPSON, G. **Globalização em questão**. Petrópolis: Vozes, 1998.

IANNI, O. **Era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Anuário estatístico do Brasil**. Rio de Janeiro, 1966.

INTERNACIONAL MONETARY FUND [IMF]. Direction of trade statistics (DOTS). Washington, 2011. Disponível em: <<http://elibrary-data.imf.org/FindDataReports.aspx?d=33061&e=170921>>. Acesso em: 07 dez. 2013.

LIPIETZ, A. **Audácia**: uma alternativa para o século 21. São Paulo: Nobel, 1991.

MERCADANTE, A. **O governo Lula e a construção de um Brasil mais justo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010.

OCAMPO, J. A.; PARRA, M. A. The terms of trade for commodities in the twentieth century. **CEPAL Review**, [S.l.], n.73. p.7-35, 2003.

PEREIRA, L. C. B.; REGO, J. M. **A grande esperança em Celso Furtado**. São Paulo: 34, 2001.

PETRAS, J. **Neoliberalismo**: América Latina, Estados Unidos e Europa. Blumenau: FURB, 1999.

PETRELLA, R. Globalização e internacionalização: a dinâmica da emergente ordem mundial. In: BOYER, R.; DRACHE, D. **Estados contra mercados**: os limites da globalização. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p.81-104.

O novo desenvolvimentismo e a integração comercial internacional: Uma revisão sobre os conceitos de centro e periferia

PREBISCH, R. O desenvolvimento econômico na América Latina e seus principais problemas. **Revista Brasileira de Economia**, São Paulo, 1949. Disponível em: <bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/download/2443/1767>. Acesso em: 06 jun. 2011.

ROSTOW, W. W. **Etapas do desenvolvimento econômico**: um manifesto não-comunista. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. The terms of trade in theory and practice. **The Economic History Review**, London, v.3, n.1, p.1, 1950.

SICSÚ, J.; PAULA, L. F.; MICHEL, R. Por que novo-desenvolvimentismo? In: SICSÚ, J.; PAULA, L. F.; MICHEL, R. (Org.). **Novo desenvolvimentismo**: um projeto nacional de crescimento com equidade social. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2005. p.165-188.

TOURAINÉ, A. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

VERNENGO, M. Technology, finance and dependency: Latin American radical political economy in retrospect. **Working Paper** No: 2004-6. University of Utah. Department of Economics. 2004. Disponível em: <http://www.econ.utah.edu/activities/papers/2004_06.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2012.

WALLERSTEIN, I. A cultura como campo de batalha ideológico do sistema mundial moderno. In: FEATHERSTONE, M. **Cultura global**: nacionalismo, globalização e modernidade. Petrópolis: Vozes, 1994. p.41-67.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BABONES, S. J.; ALVAREZ-RIVADULLA, M. J. Standardized income inequality data for use in cross-national research. **Sociological Inquiry**, Austin, v.77, p.3-22, 2007.

BATISTA JÚNIOR, P. N. **Mitos da globalização**. São Paulo: EDUSP, 1997. (Série Assuntos Internacionais/IEA).

BEREND, I. T. **Globalization and its impact on core-periphery relations**. Los Angeles: UCLA Center for European and Eurasian Studies, 2004. Disponível em: <<http://escholarship.org/uc/item/5zn164xm>>. Acesso em: 02 mar. 2012.

BERNAL-MEZA, R. International thought in the Lula era. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v.53, p.193-213, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v53nspe/v53nspe12.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2012.

BIELSCHOWSKY, R. **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BORGATTI, S. P.; EVERETT, M. G. A. Graph-theoretic perspective on centrality. **Social Networks**, [S.l.], n. 28, p.466-484, 2005.

BRANDES, U. A faster algorithm for betweenness centrality. **Journal of Mathematical Sociology**, London, v.25, n.2, p.163-177, 2001.

CHASE-DUNN, C. **Global formation: structures of the world economy**. London: Basil Blackwell, 1991.

CHASE-DUNN, C.; KAWANO, Y.; BREWER, B. D. Trade globalization since 1795: waves of integration in the world-system. **American Sociological Review**, California, v.65, n.1, p.77-95, Feb. 2000.

CRUZ, S. C. V. **Trajetórias: capitalismo neoliberal e reformas econômicas nos países da periferia**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2007.

GEREFFI, G.; KORZENIEWICZ, M. **Commodity chains and global capitalism**. Westport: Praeger, 1994.

GOLDENSTEIN, L. **Repensando a dependência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GOLDGEIER, J. M.; MCFAUL, M. A tale of two worlds: core and periphery in the post-cold war era. **International Organization**, [S.l.], v.46, n.2, p.467-491, 1992.

HAGGARD, S.; KAUFMAN, R. **Development, democracy and welfare states: Latin America, East Asia, and Eastern Europe**. Princeton: Princeton University Press, 2008.

HIRSCHMAN, A. **A bias for hope: essays on development and Latin America**. Yale: Yale University Press, 1971.

KLINK, F. F. Rationalizing core-periphery relations: the analytical foundations of structural inequality in world politics. **International Studies Quarterly**, Beverly Hills, v.34, n.2, p.183-209, Jun. 1990.

LOVE, J. L. Raul Prebisch and the origins of the doctrine of unequal exchange. **Latin American Research Review**, Pittsburgh, v.15, n.3, p.45-72, 1980.

SANTOS, B. S. **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

SCHUURMAN, F. J. **Beyond the impasse: new directions in development theory**. Londres: Zed Books, 1993.

VEIGA, P. M.; RIOS, S. P. Política econômica externa do governo Dilma: dilemas e desafios. Pontes. **International Centre for Trade and Sustainable Development**, [S.l.], v.7, n.1, abr. 2011. Disponível em: <<http://ictsd.org/i/news/pontes/104593/>>. Acesso em: 04 abr. 2012.